

# Memórias do sândalo: Malaca, o atrator Timor e o canal de Solor

## Memories of sandalwood: Malacca, Timor attractor and Solor's channel

José Pinto Casquilho\*

### Resumo

Neste trabalho faz-se uma revisão algo extensa, sobretudo de índole histórica, com foco no período em que Malaca esteve sob suserania portuguesa (1511-1641), a propósito das rotas do sândalo de Timor, que ombreava em valor com as especiarias, fazendo entreposto no arquipélago de Solor. Nos escritos quinhentistas e seiscentistas lusitanos não há dúvidas sobre a equivalência indexical entre a ilha Timor e o sândalo branco (*Santalum album* L.), notabilizado então pela sua abundância e qualidade, assim induzindo um atrator. A polaridade de Malaca constitui o tensor a partir de onde irradiam as rotas do comércio das especiarias em múltiplos sentidos, porquanto era, na época, lugar privilegiado de comércio, articulado com o regime de monções. Ainda se aborda uma injunção fetichista associada ao sândalo de Timor.

**Palavras-chave:** *Santalum album* L., história, comércio, indexicalidade, fetichismo

### Abstract

In this work we present a somewhat extensive review, mainly of historical nature, focusing on the period that Malacca was under Portuguese suzerainty (1511-1641), concerning the subject of sandalwood routes from Timor, making warehouse in the archipelago of Solor. In the sixteenth century and seventeenth-century Lusitanian writings, there are no doubts about the indexical equivalence between Timor island and white sandalwood (*Santalum album* L.), then notable for its abundance and quality, thus inducing an attractor. The polarity of Malacca is the tensor from which radiate the routes of the spice trade in multiple directions, for it was a privileged place of trade, combined with the monsoon regime. This article still addresses a fetishist injunction associated with Timor sandalwood.

**Keywords:** *Santalum album* L., history, trade, indexicality, fetishism

---

\* Prof. Auxiliar Convidado no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. E-mail: josecasquilho@gmail.com

### **Rezumu/abstratu**

Iha trabalhu ne'e sei halo revisaun ba buat ida (algo) nebe klean (extensa), liu-liu ba iha parte istória nian, fó liu fokus ba períodu nebe mak Malaka sei pertense suserania portuguesa (1511-1641), hó propósitu rotas sandalu Timor nian, nebe iha folin ekivale hó especiarias sira seluk, halo nia nudar entrepostu ida iha arquipélagu Solor. Iha documento quinhentistas nó seiscentistas lusitanus, laiha dúvida ida konabá ekivalénsia indexikal ba rai Timor nó sandalu mutin (*Santalum album* L.), iha ne'e mak bele notabiliza, entaun, ninia abundánsia e qualidade, nune instiga nudar *atrator*. Polaridade Malaka konstitui *tensor* ida komesa husi expansaun rotas komérsio especiarias nian iha múltiplus sentidos, porkuantu, iha époka, fatin privilegiadu komércio nian, articula mós hó regime monsaun sira. Kontinua aborda nafatin injunsaun feitisita nebe assosia hó sandalu Timor nian.

**Palavras-chave:** *Santalum album* L., istória, komérsiu, indexikalidade, fetisismo

## Memórias do sândalo: Malaca, o atrator Timor e o canal de Solor Memories of sandalwood: Malacca, Timor attractor and Solor's channel

À memória de Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes

¶ Per todas as quâes pârtes ao tempo que descobri-  
mos a Índia, assy os gêtios como os mouros andauã comutando ⁊ trocãdo hûas merca-  
dozias por outras: (segûdo a natureza dispôs suas semêtes ⁊ fructos, ⁊ deu indústriã aos hó-  
mees em a mechanicã de suas obras.) Els que jaziam alem da cidade de Malaca, situada na  
Aurea Chersoneso (nome que os geographos deram àquella terra,) assi como crãuo das ilhas  
de Maluco, noz ⁊ maça de Banda, sandalo de Timor, cânphora de Bornéo, ouro ⁊ prata do  
Liquio: cõ todas as riquezas ⁊ especias aromaticas, cheiros ⁊ policias da China, Java ⁊ Sião,  
⁊ douras pârtes ⁊ ilhas a esta terra adjacentes: todas no tempo de suas monções concorriam  
àquella riquíssima Malaca, como a hum emporio, ⁊ feyra vniuersal do oriente.

“Por todas as quais partes ao tempo que descobrimos a Índia, assim os gentios como os mouros andavam comutando e trocando umas mercadorias por outras: (segundo a natureza dispôs suas sementes e frutos, e deu indústria aos homens em a mecânica de suas obras.) As que jaziam além da cidade de Malaca, situada na Aurea Chersoneso<sup>1</sup> (nome que os geógrafos deram àquella terra,) assim como cravo das ilhas de Maluco, noz e maça de Banda, sândalo de Timor, cânfora de Bornéu, ouro e prata do Líquio: com todas as riquezas e espécies aromáticas, cheiros e policias<sup>2</sup> da China, Java e Sião, e de outras partes e ilhas a esta terra adjacentes: todas no tempo de suas monções concorriam àquella riquíssima Malaca, como a um empório, e feira universal do oriente (...)” (João de Barros, Da Ásia – Década Primeira, Livro VIII, Cap. I, Fol.91, pp:191)

### Introdução

É inevitável associar-se historicamente Timor à demanda do sândalo. Antes dos portugueses rumarem à ilha, corolário do périplo que efectuaram às ilhas das especiarias sucedendo à tomada de Malaca em 1511, existem testemunhos documentais de autores chineses que fazem remontar essa demanda ao século XIII e mesmo, dizem alguns, ao século XI, conhecendo-se também que outros – por exemplo macassares, javaneses - empreendiam nesse comércio.

São numerosas as referências quinhentistas e seiscentistas lusitanas à extrema abundância de sândalo nas montanhas da ilha. É assim que o sândalo surge como o índice maior de Timor nos séculos XVI e XVII, e, por efeito de memória, tal injunção persiste até hoje, apesar de rarear nas paisagens e nas referências bibliográficas contemporâneas relativamente à área de origem da espécie *Santalum album* L.

<sup>1</sup> Diz-nos João de Barros na Segunda Década da Ásia, Segunda Parte (1553) 1777:2) que este termo - aí grafado Chersoneso -, é palavra de origem grega que significa o que hoje designamos como península.

<sup>2</sup> O termo “policias” é considerado sinónimo de “requintes”, na edição de 1920, organizada por Agostinho de Campos (p: 74).

A paisagem, vista na sua multiplicidade de atributos, constitui um sistema de indicadores, uma *deixis* relativa a valores ecológicos, económicos e culturais (e.g. Casquilho, 2014a), e a inscrição semiótica do sândalo releva do significado pragmático dos usos higiénicos e terapêuticos, mas também simbólico por efeito das suas conotações em rituais religiosos como sejam as piras funerárias dos ilustres (e.g. Pinto, 1614: 236v., 258). Pelo que não é demais recordar que utilizar um signo ou servir-se duma coisa como signo é desde logo reportar-se a uma dada cultura (Mourão, 2012). A sucessão temporal, as relações que vão da causa ao seu efeito ou de um efeito à sua causa, ou algum vínculo espaço-temporal entre um índice e seu objeto dinâmico constituem o núcleo da indexicalidade (Sebeok, 2001: 89). Já Peirce ((1940) 2012: 107) observara que um índice é um signo, ou representação, que se refere ao seu objeto não tanto por causa de qualquer semelhança ou analogia com ele, mas porque está em conexão dinâmica (inclusive espacial) tanto com o objeto individual, por um lado, e com os sentidos ou a memória das pessoas a quem serve como um sinal, por outro. Uma ilustração óbvia da indexação aqui discutida pode constatar-se como sendo que a única referência feita à ilha em Os Lusíadas (Camões, 1572: 183), diz: “Ali também Timor, que o lenho manda, sândalo salutífero, e cheiroso”.

É verdade que a ocorrência da espécie *Santalum album* L. não se restringia a Timor. Por exemplo, Harisetijono e Suriamihardja (1993) referem que o sândalo branco, localmente denominado *cedana*, ocorria principalmente nas ilhas Timor e Sumba, também na parte ocidental de Flores e ainda nas ilhas Alor e Roti. O Conde de Ficalho, nas suas anotações ao colóquio quadragésimo nono de Garcia de Orta (1895: 289) diz que a árvore habita no sul da Índia, nas florestas de Mysore, Travancore e outras, assim como nas ilhas do arquipélago Malaio, onde para além de Timor, também refere a ilha de Sumba que terá sido mesmo chamada a ilha Chandana (ilha do sândalo)<sup>3</sup>. Matos (2006) diz-nos que provavelmente o seu cultivo terá sido introduzido no sul da Índia nos primeiros séculos da nossa era. Sobre hipóteses por que as florestas do sul da Índia não aparecem mencionadas no comércio de sândalo nos textos quinhentistas e seiscentistas, deixámos algumas possibilidades esboçadas em trabalho recente (Casquilho, 2014b), onde também se revêem os usos tradicionais do sândalo conforme os escritos de Garcia de Orta.

Lidaremos também neste artigo com fetichismo, uma forma específica de indexicalidade, nomeadamente a propósito da citação de Pigafetta reportada a 1522, adiante transcrita. Sebeok (2001: 115) recorda-nos que, como se pode

---

<sup>3</sup> Miguel Lopes Ferreira in António Galvão ((1563) 1731 : introdução, s/ pag.) refere que: “A conquista da ilha de Sumba, adjacente às de Timor e Solor, fértil em géneros preciosos, foi utilíssima e sem despesa”; pelo contexto depreende-se que tal deverá ter ocorrido no tempo em que Luiz de Menezes, Quinto Conde da Ericeira, foi Vice-Rei da Índia no primeiro mandato (1717-21).

verificar a partir da consulta ao *Oxford English Dictionary*, o vocábulo inglês *fetish* (fetiche) foi diretamente adotado da palavra ‘feitiço’, um substantivo português que terá sido originalmente aplicado a qualquer dos objetos usados pelos povos da costa da Guiné e regiões vizinhas como talismãs, amuletos, outros meios de magia e encantamento, ou ainda considerado por eles com temor supersticioso<sup>4</sup>. Ainda nos diz Sebeok (2001: 117) que a noção de "fetichismo das mercadorias" se tornou um dos conceitos cardeais da herança marxista aplicado à análise da relação entre pessoas e produtos, ou entre valor de uso e valor de troca, a que se pode acoplar a perspectiva de que a cultura começa onde o comércio das coisas é habitado pela superabundância, que implica o comércio dos signos<sup>5</sup>.

É sabido que *timor* era a designação genérica na língua malaia atribuída a todas as ilhas além de Java, significando o termo: leste, levante, oriente. É provável que o nome tenha ficado adstrito à mais proeminente ilha da zona, que outros propuseram designar enquanto região com o nome Mesonésia (Thomaz, 2008a), englobando as Filipinas, Timor e a metade oriental da Indonésia. Há registos documentais que comprovam interesses chineses na região a remontarem ao século XIII, e, de forma explícita, no relato *Tao-I-Chih-Luëh*<sup>6</sup>, datado de c. 1350, existe uma descrição detalhada da ilha, aí designada *Ti-men*, afirmando-se que nas montanhas não crescem outras árvores senão sândalo, que é muito abundante (Durand, 2006: 35), assunto retomado com a mesma ênfase no relato *Hsing-ch'a Sêng-lan*, datado de 1436, período da dinastia Ming. É pois sabido que antes da chegada dos portugueses, os timorenses, a nível de comércio, tinham contacto com mercadores de Java e Ternate, e diz-se mesmo que, desde o século XI, mercadores chineses, indianos, persas, e javaneses frequentavam os mares de Timor em demanda do sândalo (Belo, 2011: 22).

Este artigo surge centrado na polaridade de Malaca como foco de irradiação da presença portuguesa na região, acoplado ao efeito de atração exercido pela abundância e qualidade do sândalo em Timor, ainda amparado no resguardo logístico proporcionado pelo canal de Solor. Sendo um artigo de revisão bibliográfica é sobretudo constituído por uma compilação de citações que refletem uma cronologia focada no século XVI, ainda aflorando o século XVII; a este propósito optámos por restituir algumas citações na versão arcaica da língua portuguesa constante na fonte, apresentando-as em *itálico*, enquanto outras são transpostas para a versão atual da ortografia.

---

<sup>4</sup> Pode-se ler um relato condicente em Galvão ((1563) 1731: 11).

<sup>5</sup> Enunciado atribuído a M. J. Mondzain *cit. in* Mourão (2012).

<sup>6</sup> Traduzido por F. Durand como “testemunho resumido das nações insulares”. Hägerdal (2012: 1) menciona *Dao yi Zhi lue*.

## A polaridade de Malaca

A importância estratégica de Malaca nas rotas do comércio internacional da época, ligada à sazonalidade das monções, é a singularidade que vincula a demanda das ilhas das especiarias: as Molucas as ilhas de Banda, e também Timor. De acordo os cronistas lusitanos da época, Malaca<sup>7</sup> teria sido fundada cerca dois séculos antes da chegada dos portugueses – outros referem a amplitude de 1377 a 1400<sup>8</sup> como a data da fundação do sultanato por Parameshvara que foi reconhecido como rei pelo imperador da China Yung Lo em 1405 (Barreto, 2000: 33), sucedendo como pólo comercial a Singapura, até então dominante. Ainda se pode inferir que Malaca nasceu da decadência do reino hindu javanês Majapahit cuja influência se estendia a Sumatra, Bali e a partes da península malaia durante a segunda metade do século XIV. Diogo Lopes de Sequeira terá sido o primeiro europeu a visitar Malaca, com uma frota de 5 navios em 11 de Setembro de 1509; diz-se em Castanheda (1552: 212): “E como isto era já em Agosto que era monção para se poder ir a Malaca, despachou o vice-rei a Diogo Lopes de Sequeira para que se partisse (...), [e] se partiu de Cochim a dezoito de Agosto de 1509”.

Afonso de Albuquerque não hesita em considerar Goa e Malaca “as maiores duas coisas da Índia<sup>9</sup>”, em carta de 30 de Outubro de 1512 enviada a Manuel I de Portugal (Bulhão Pato, 1884: 97), referindo que o rei<sup>10</sup> as tem em mãos. Castanheda ((1552) 1833:188) conta que ele convocou o conselho dos seus oficiais concluindo-se que não se poderia segurar Malaca que não fosse tomando-a e fazendo fortaleza: “[...] & *lhe parecia muyto grande ter ele feytoria em Malaca por ela ser escala de todo mûdo & tão principal como*

---

<sup>7</sup> Quer Tomé Pires ((1515) 2005: 234) quer João de Barros ((1553) 1777a: 8) – embora possivelmente o último esteja a citar, sem referir, o primeiro - dizem que o nome Malaca deriva do termo *malayo* que significava *fugido, escondido, desterrado*, porquanto o sítio se tornou o último refúgio de um rei (Paramisora ou Paramjçura, sucedido pelo seu filho Xaquem Darxa ou Muhammad Iskandar Shah) deportado do seu reino original Palembang (Srivijaya), e mais tarde expulso de Singapura pelo rei do Sião. No entanto, Godinho de Erédia avança outra interpretação ligando o nome da cidade ao de uma árvore local.

<sup>8</sup> V. <http://en.wikipedia.org/wiki/Malacca>

<sup>9</sup> Naturalmente Albuquerque utiliza aqui o termo “Índia” em sentido impróprio, pois que Malaca não fica lá, estaria antes a referir-se em geral à Ásia do sul e sudeste.

<sup>10</sup> Manuel I de Portugal ou D. Manuel, o Venturoso, foi o soberano mais rico da Europa nesse tempo. Assim, ostentava no seu espólio pessoal dois diamantes da Índia que tinham pertencido a Carlos o Temerário, duque de Borgonha, mais tarde conhecidos como o “Sancy” e o “Espelho de Portugal” (v. Casquilho, 2005).

sabião: por isso que lhe dissessem todos seus pareceres”. Numa sexta-feira, dia 15 de Agosto de 1511, na preia-mar, consumou-se o ataque, com sucesso<sup>11</sup>.

Que em Malaca, ao tempo, o sândalo era considerado um bem valioso é algo que fica ilustrado no relato da oferta que o rico mercador Vtetimutaraja enviou ao governador na tomada da cidade (Castanheda (1552) 1833: 195): “*E vendo Vtetimutaraja ho desbarato q os nossos fizeram na ponte, & que não aproveitou a el rey ter a gente que tinha pera lhes resistir, temendo-se que ho governador tomasse a cidade, & destruyse tudo, quis segurarse para isso, & mandou-lhe hum grande presente de sandolos & outras cousas, mandando-lhe pedir seguro pera toda sua familia, assi na terra como no mar.*”

Tomé Pires, em *Suma Oriental*, obra escrita entre 1512 e 1515 em Malaca, refere-a como não havendo igual e descreve, em relação ao sândalo, que os Malabares, vindos das regiões de Coromandel e Pulicat na Índia, trazendo meia dúzia de navios em cada ano, com trinta espécies de ricos tecidos, levavam de volta principalmente sândalo branco; também de Cambaia vinha um navio cada ano e levava de volta especiarias e sândalo (cf. Pires, (1515) 2005: 270, 272, 283); ainda acrescenta que de Java vinham mercadores buscando cravinho, maçãs, noz-moscada e sândalo. Falando dos empreendimentos portugueses no tempo, afirma expressamente que os barcos vão a Timor na demanda do sândalo.

Também, em carta de Jorge de Albuquerque dirigida a D. Manuel, datada de 8 de Janeiro de 1515, escrita em Malaca, se pode ler (Bulhão Pato, 1903: 134): “*(...) e as terras da banda da yndea que sam cambaya, toda a yndea, toda bengalla, ho reino de pegu, tem necesydade das mercadorias que vem da chyna e quachymchyna, syam, llequios, os lluções de burneo, ho cravo de malluquo, e de maçãs e noz de banda, e de samdallo de timor*”

Naturalmente que sendo Malaca uma cidade tão rica foi muito disputada, havendo inúmeros relatos de batalhas que sucederam até à sua perda pela parte dos portugueses para os holandeses em 1641. Por exemplo, logo em 1513 a frota “Jau” liderada por Pate Unuz procurou retomar o controlo da cidade sendo então derrotada pela armada portuguesa sob o comando de Fernão Peres de Andrade (Barreto, 2000: 35). Manoel Godinho de Erédia<sup>12</sup>, cosmógrafo, aí nascido em 1563, filho de João de Erédia Aquavive e de uma filha do rei de Macassar, relata a vitória obtida por Matias de Albuquerque e Luís Monteiro Coutinho em batalha naval contra o rei de Achem<sup>13</sup>, consumada em 1 de Janeiro de 1578, após a qual Coutinho acorreu em defesa de Malaca. O autor acompanha o seu manuscrito com desenhos aguarelados dos quais um ilustra o episódio (figura 1).

<sup>11</sup> Uma descrição detalhada dos acontecimentos pode ler-se em Barros ((1553) 1777: 55, ss).

<sup>12</sup> Também grafado Emanuel Godinho de Herédia.

<sup>13</sup> Atualmente designa-se Aceh, região no norte da ilha Sumatra.

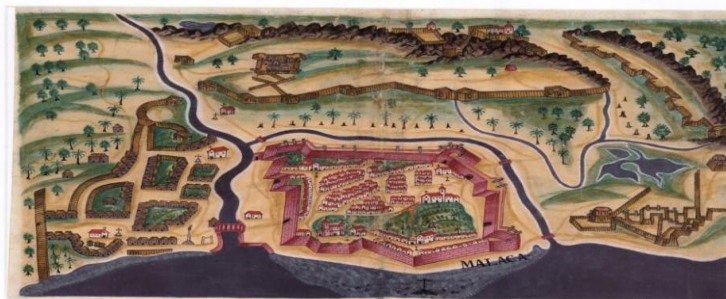


Figura 1 – Ilustração de batalha naval em Malaca (in Manoel Godinho de Erédia, 1615, s/ pag.)



Do “Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental”, com ilustrações de Pedro Barreto de Resende compiladas por António Bocarro, cronista oficial do Estado da Índia e Guarda-mor do Arquivo Real de Goa, pode ver-se na figura 2 em maior detalhe o esboço da cidade e fortaleza de Malaca já reportada ao século XVII. A torre principal da fortificação, erguida também com materiais da mesquita que aí havia e foi derrubada ao tempo da conquista pelos portugueses, tinha o nome de “A Famosa”.

Figura 2 – A fortaleza de Malaca, planta de Pedro Barreto de Resende (1635)<sup>14</sup>



## O atrator Timor

Na História de S. Domingos escreve-se: “É Timor ilha célebre pela planta que nela cria a natureza em grande abundância, do sândalo branco, estimado por todo o Oriente, pela suavidade medicinal do cheiro” (Sousa, (1678) 1866: 338); ou ainda: “É de saber que crescendo a cidade de Malaca, entre as fazendas que

<sup>14</sup> Biblioteca Pública de Évora [BPE – CIM Cod. CXV/2-1, Planta Nº 48]



mais requestadas acharam nela, foi o sândalo de Timor, porque se servem dele para infinitos usos todas as províncias do Oriente. E como os naturais de Malaca faziam viagens a buscá-lo, não tardaram também os portugueses a mandarem as suas embarcações ao mesmo. Era o interesse mui grosso. Porque o sândalo é um género de árvores, que criam os montes daquela ilha em não menos abundância que o mato ordinário das nossas terras” (idem: 339). Ainda se relata: “Corriam os portugueses de Malaca ao barato. E acontecia, andando o tempo, juntarem-se tantos navios de várias partes em Timor, que era forçoso tardarem muito em fazer a sua carga” (idem: 340).

A primeira referência expressa a uma localização geográfica de Timor por parte dos portugueses parece ser datada de 1512<sup>15</sup>: a nau Santa Catarina, pilotada por Francisco Rodrigues, saiu de Malaca em Novembro de 1511 integrando uma frota composta de três navios comandada por António de Abreu, a mando de Afonso de Albuquerque, com o fito de descobrir as ilhas das especiarias tendo regressado a Malaca em 1512 - não terá aportado a Timor, nem sequer avistado a ilha ao que consta -, mas terá sido recolhida informação a propósito, pois que da série de cartas panorâmicos desenhadas por Francisco Rodrigues, numa delas encontra-se a inscrição “*A Ilha de timor homde naçe o ssambollo*“, no verso do fólio 37 do manuscrito, que tem no centro uma legenda principal onde se diz “*estas quatro ilhas azues sam as de Maluquo homde nace o crauo*” - assim exemplificando-se que os signos de orientação e informação são geralmente apresentados com frases curtas e num formato que pode ser facilmente lido e interpretado (e. g. Mourão e Casquilho, 2012).

Figura 3 – Excerto do esboço de Francisco Rodrigues onde refere a ilha de Timor (no topo, v. texto)<sup>16</sup>



De facto a narração escrita em Castanheda ((1552) 1833: 289, 290) não refere Timor: “*E ao outro dia fez volta para Malaca, onde achou Antonio*

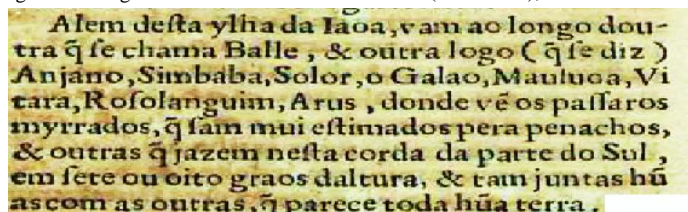
<sup>15</sup> Jaime Sales Luís, *op. cit.*, apresenta uma narrativa semelhante à que aqui expomos.

<sup>16</sup> Podem ser vistas 4 pranchas do Livro de F. Rodrigues (c. 1513), incluindo essa, completa, em Olshin (1996).

*d'Abreu q chegara de descobrir Maluco<sup>17</sup>, a que não chegou por culpa dos tempos lhe terçarẽ mal, & ele cõ Simão Afonso não pode mais chegar que as ilhas Damboyne q sam perto das de Maluco (...) despois de ho esperar muyto tẽpo se tornou pera a ilha de Banda, que he hũa ilha grande em que ha as arvores que dão a noz nozcada & a maça (...) & nesta ilha achou també algũ cravo. E carregado de noz & de maça, se tornou a Malaca<sup>18</sup>*

Também a narrativa de António Galvão ((1563) 1731: 44) relativa a essa viagem efetuada no final de 1511, confirma que seguiram três navios para as ilhas de Banda e Molucas e, relatando o percurso, refere as ilhas de Bali e de Solor, além doutras, mas não, de forma expressa, a ilha de Timor (v. Fig. 4).

Figura 4 – Fragmento do livro de António Galvão (1563: 35v.), referido no texto.



Possivelmente o esboço de Francisco Rodrigues onde se refere a ilha de Timor estará relacionado com um mapa javanês da época, conforme se dá conta na carta que Afonso de Albuquerque escreveu ao rei Manuel de Portugal datada de 1 de Abril de 1512 (Bulhão Pato, 1884: 64, 65): *“tambem vos vay hum pedaço de padram que se tirou d uia gramde carta d um piloto de jaoa, a qual tinha ho cabo de bõoa esperamça, portugall e a terra do brasyll, ho mar rroxo e ho mar da persia, as ilhas do cravo, a navegaçam dos chins e gores, com suas lynhas e caminhos dereytos por omde as nãos hiam (...); tinha os nomes por letra jaoa, e eu trazia jao que sabia ler e esprever; mamdo esse pedaço a vossalteza, que francisco rrodriguez empramtou sobre a outra, domde vossalteza poderá ver verdadeiramente os chins domde vem e os gores, e as vossas naos ho caminho que am de fazer pera as ilhas do cravo, e as minas de ouro omde sam, e a ilha de jaoa e de bamdam, de noz nozcada e maças, e a terra delrrey de syam (...)*<sup>19</sup>

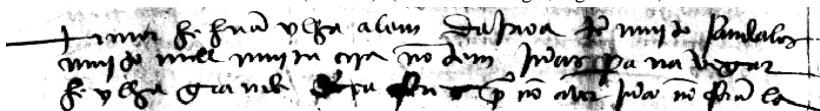
<sup>17</sup> As ilhas de “Maluco” atualmente designadas Molucas, devem o seu nome conforme nos diz Diogo de Couto ((1596?) 1778: 167) ao termo da língua local *moloc* significando “cabeça de cousa grande”. Ainda nos diz Castanheda (1554: xv) que estas ilhas na época eram cinco, então chamadas “Bachã, Maquiem, Moutel, Tidore e Ternate”.

<sup>18</sup> É no âmbito desta narração que se afirma que terá sido Francisco Serrão, que ficara em Ternate, que mandou a informação sobre a localização das ilhas Molucas a Fernão de Magalhães.

<sup>19</sup> Sobre a polémica de como poderia um mapa javanês retratar África, Portugal e o Brasil, veja-se Olshin (1996), onde o autor critica a interpretação dominante de que o piloto javanês teria

Já nos primórdios de 1514 não há dúvidas sobre o conhecimento que os portugueses têm da localização e principais riquezas de Timor: numa carta dirigida ao rei Manuel I, datada de 6 de Janeiro desse ano o capitão de Malaca, Ruy de Brito Patalim afirma (Bulhão Pato, 1903: 95, 96): “*Timor he uma ylha além de jaoa, tem muito samdalo, muito mell, muita cera, nom tem juncos pera navegar, he ylha grande de cafres; por nom haver junco nom foram la; (...)*”; e, adiante: “*Maluco e bandam, timor e jaoa, (...) he necessário grandes naos; eu escrevi ao governador das Indias que devia de mandar huma nao ou duas de quinhentos tonees, porque além de fazer credito, se vay, traz grande copia despeciaria, o que se nom pode fazer com navios pequenos, pois ho caminho he ja sabido e podem navegar (...)*”.

Figura 5 – Excerto da carta de Ruy de Brito Patalim a Manuel I, de 6 de Janeiro de 1514, onde se refere a ilha de Timor (v. texto). (ANTT – Portugal, digitalizada)



A chegada dos portugueses a Timor ter-se-á dado possivelmente ainda em 1514 (e.g. Thomaz, 1998: 594; Paulino, 2012b) ou, como deduz Matos (1974: 36, 37) porventura só em 1515, porquanto os navios que eram enviados de Malaca para as ilhas mais distantes largavam em dezembro<sup>20</sup>. Em Lifau, no enclave de Oecussi, encontra-se um padrão com uma inscrição que afirma que ali chegaram os portugueses em 18 de agosto de 1515.

Certo é que a partir dessa data visitaram regularmente a ilha navios portugueses, que traziam de Malaca panos de algodão e objectos metálicos, como facas, espadas e machados, levando em troca, sândalo, mel e cera. Também, a posse das rotas das drogas da Insulíndia (cravo de Molucas, noz e maçãs de Banda, sândalo de Timor, cânfora de Bornéu, pimenta de Samatra e Sunda) obrigou os portugueses a chamaram a si o comércio da “mercadoria-moeda” com que se compravam esses produtos: os panos de algodão, tecidos sobretudo em Cambaia, em Bengala e no Coromandel (Thomaz, 1998: 292), e ainda outros bens.

Ao tempo em que o Livro de Duarte Barbosa é escrito, a que se atribui geralmente a data de 1516 existe uma descrição de Timor. Diz-nos Barbosa

---

completado uma carta local com informação contida em cartas portuguesas. Schwartzberg (1994) defende a tese, suportada em análise estilística, que essa prancha terá sido desenhada por Francisco Rodrigues a partir de um mapa javanês.

<sup>20</sup> E de facto assim se afirma na Segunda Década da Ásia de João de Barros (1553) 1777a: 11, 12): “Com estes mesmos tempos que cursam Dezembro e Janeiro (...) com eles saem de Malaca em modo de embate para toda a Java, Timor, Maluco.”

((1516) 1966: 203, 211): “assim navegam desta cidade de Malaca para todas as ilhas que estão por todo esse mar, e para Timor, donde trazem todo o sândalo branco, que entre os mouros é mui estimado e vale muito; para lá levam ferro, machados, facas, cutelos, espadas, panos de Paleacate, cobre, azougue, vermelhão, estanho, chumbo e muitas continhas de Cambaia; em retorno disto carregam além de sândalo, de mel, cera, escravos (...) nesta ilha há muitos sândalos brancos, que os mouros muito estimam na Índia e na Pérsia, onde se gasta muita soma deles, e têm grande valia no Malabar, Narsinga e Cambaia”. Ainda, no final do livro, o autor faz uma compilação “Das drogarias e preços que elas valem em Calecute e no país de Malabar” e aí se pode ler o seguinte (idem: 232): “Sândalo branco e cor de limão que nasce em uma ilha chamada Timor” e, comparando os preços<sup>21</sup>, vê-se que valia então cerca de quatro vezes a noz-moscada proveniente das ilhas Banda.

O italiano Antonio Pigafetta participou na primeira viagem de circum-navegação inicialmente comandada por Fernão de Magalhães que, depois da sua morte nas Filipinas em 27 de Abril de 1521, foi sucedido no comando por João Sebastião Elcano. No início de 1522, Elcano passou pelas ilhas de Pantar e Alor alcançando Timor em 26 de Janeiro, no sítio designado Lanqueiro (ou Lakeru) e Pigafetta anotou observações que se conservaram até hoje, e que transcrevemos em parte<sup>22</sup> (cf. Hägerdal, 2012: 17,18):

“O sândalo branco encontra-se nesta ilha e em mais nenhuma parte. [Também há] gengibre, búfalos, porcos, cabras, galinhas, figueiras, (...). Estes povos são pagãos. Quando vão abater árvores de sândalo, o diabo, conforme nos contaram, aparece em várias formas e diz-lhes que se alguma coisa é necessária lhe devem pedir. Como consequência desta aparição eles ficam doentes durante alguns dias. As árvores de sândalo devem ser cortadas numa certa fase da Lua ou, de outra forma, não será bom. As mercadorias que são adequadas para transacionar sândalo são: tecido vermelho, linho, machados, ferro e pregos.”

Neste excerto da transcrição de Pigafetta, entre outras coisas, deparamo-nos com uma injunção fetichista a propósito do sândalo: o “diabo” aparece na figura de regulador, mas provavelmente essa menção não tem o sentido que lhe atribuímos no ocidente. Por exemplo, em tétum, a expressão *rai na'in* por vezes utilizada como sinónimo, significa literalmente: dono ou senhor da terra - e não tem a conotação estritamente negativa que se associa ao conceito eurocêntrico de diabo. Ainda assim pode inferir-se que em Timor existia uma injunção fetichista relativa ao sândalo, e mesmo hoje, na cultura Bunak da região de Maliana, se associa o abate de árvores de sândalo a doença e morte. Um relato detalhado dos vínculos fetichistas na religião animista de Timor pode ler-se em

<sup>21</sup> Os preços são expressos em “*fanões* por *farazola*”.

<sup>22</sup> Fez-se a tradução do texto apresentado em língua inglesa.

Matos (1974: 34, 35) e uma síntese das mitologias timorenses pode-se consultar em Paulino (2012a: 31-34), de entre as quais o enunciado imputado aos Mambae relativo à menção aos portugueses como “irmãos mais novos”.

Podemos dar por adquirida a presença da ilha Timor com uma forma e dimensões que a evidenciam no contexto da região, na cartografia de meados do século XVI, seja o exemplo da autoria de Pierre Desceliers da escola francesa de Dieppe, mostrado na figura 6.

Fig. 6 – Fragmento do mapa de Desceliers de 1 de Janeiro de 1550, vendo-se a ilha Timor<sup>23</sup>



Também é possível que por essa altura, mais propriamente em 1546, ainda existissem laços históricos de vassalagem, mesmo que ténues, entre Timor e algum reino de Java, fazendo jus às afirmações que Fernão Mendes Pinto apresenta na Peregrinação, relativas a uma reação de levantamento popular pelas ilhas da Sonda, derivada de um ato justiceiro em que foi dizimada uma família nobre de Surabaia, sucedendo à morte do rei de Demak<sup>24</sup> (Pinto, 1614: 227): “a qual justiça tão sobejamente cruel e rigorosa, foy causa de haver muito grandes levantamentos em toda a [ilha de] Java, e ilhas de Bali, Timor e Madura, que são estados muito grandes em que há Vice-reis que distintamente os governam com poder de mero e misto imperio, pela ordem antiga de seus gentílicos costumes” (v. figura 7).

Figura 7 – Excerto de Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, citado no texto

...a qual justiça tão sobejamente cruel & rigurosa, foy causa de aver muyto grandes aleuamentos em toda a laoa, & ilhas de Bale, Timor, & Madura, que são estados muyto grãdes, em que há Visor-reys que distintamente os governão com poder de mero & misto imperio, pela ordem antiga de seus gentílicos custumes.

<sup>23</sup> [http://es.wikipedia.org/wiki/Escuela\\_de\\_cartograf%C3%ADa\\_de\\_Dieppe#mediaviewer/File:Desceliers\\_1550\\_map\\_-\\_Australia\\_detail.jpg](http://es.wikipedia.org/wiki/Escuela_de_cartograf%C3%ADa_de_Dieppe#mediaviewer/File:Desceliers_1550_map_-_Australia_detail.jpg)

<sup>24</sup> Aí referido como o “Pangueyraõ de Pate Rey de Demaa”.

Se, sobre o comércio de sândalo e as rotas que lhe correspondiam, podemos concluir que em meados do século XVI a frequência dos navios portugueses acostando Timor seria regular – há menção de que nesse tempo mercadores portugueses teriam aportado às aldeias marítimas de Mena, Citrana, Lifau, Cotubaba (Atabai), Maubara e Dilly (Belo, 2011: 243) - já outra coisa será o estabelecimento em número significativo de portugueses na ilha. A primeira notícia que parece existir sobre a vinda de religiosos para Timor reporta-se ao dominicano Frei António Taveira, que terá aí chegado em 1556, baptizando então cerca de 5000 gentios (Matos, 2006).

A referência ao sândalo persistirá em primeiro plano ainda durante um tempo longo, como se conclui da narração de Frei Lucas de Santa Catarina ((1733) 1866: 277, 278) onde afirma: “(...) em distância de sete léguas de mar está a ilha de Timor, a maior de todas as que chamam de Solor: assim é a nobreza das mais, com grande navegação, e comércio, por respeito do excelente pau de sândalo, que ela só tem (...) Do pau de sândalo, que nela há, se tiraram todos os anos, de mil e quinhentos para dois mil bares; e há muitos anos, e ainda não se sentiu falta;”.

## O canal de Solor

As ilhas Timor e Solor aparecem fortemente associadas nos séculos XVI e XVII: se a primeira é a fonte de sândalo e outras mercadorias, a segunda é abrigo para os navios que faziam, nos dois sentidos, a rota para Malaca. A ilha de Solor é alongada e acompanha a costa oriental da ilha de Flores. Por exemplo, na Terceira Década da Ásia diz-nos João de Barros ((1553) 1777b: 654): “*Partidas estas duas náos de Banda, passaram per a Ilha de Timor pera sahirem pelo canal de Solor, e atravessarem aquelle golfão, (...)*”.

No entanto existe alguma ambiguidade na designação “Solor”, como já vimos na citação anterior de Fr. Lucas, havendo mesmo usos inverosímeis do termo<sup>25</sup>. Afirma Matos (1974: 19) que assim se chamava, para além da ilha propriamente dita, ao conjunto das ilhas próximas de Adonara, Lomblem, Flores (ou Ende ou ilha Grande), Ende (pequeno), Alor e Pantar - portanto um arquipélago. Também Frei Luís de Sousa ((1678) 1866: 337, 338) menciona “ilhas de Solor”, que aliás refere como “terras sem nome de tempos antigos”,

---

<sup>25</sup> Barbosa ((1516) 1966: 215) também se refere a Solor mas em termos que não são compatíveis com a realidade da pequena ilha situada no estreito das Flores: “E passando estas ilhas de Maluco, para o Norte, contra a China, está uma ilha mui grande e abastada de mantimentos, que chamam Solor, povoada de homens quase brancos, gentios, mui bem apessoados (...)”.



descrevendo a ilha Solor como tendo oito léguas de comprido e meia de largo. Ainda refere, que, a propósito da chegada da violência das monções no sul de Timor, “no mesmo ponto se fazem à vela todos, e desandando vinte e cinco léguas de golfo, que tantas há de Timor às ilhas de Solor, se recolhem a elas, e ali no reduto, ou enseada do triângulo, que entre si fazem as três ilhetas, como atrás dissemos, acham estância, abrigo e seguro, enquanto duram as tormentas.” (idem: 340). O canal de Solor ainda aparece designado com o nome de Servite.

Também Frei Lucas de Santa Catarina ((1733) 1866: 273) nos ilustra como pode ser grande a abrangência desta designação: “muitas são as ilhas de Solor, que se compreendem debaixo deste nome, porque correm desde o estreito de Bali até às últimas que confinam com o mar que vai dar na ilha de S. Lourenço”, esclarecendo que, na ilha designada Solor, sendo a mais pobre, por ser mais seca e estéril, há muita terra de salitre de que se faz a pólvora.

A povoação de Lamaqueira – considerada a principal povoação da ilha, onde vivia o chefe ou senhor designado “Sangue de Pate” - terá sido frequentada pelos portugueses desde cerca de 1520, situando-se na ponta nordeste onde houve a igreja de S. João Baptista que se perdeu por causa de uma rebelião<sup>26</sup>. Em 1558 foi criada a diocese de Malaca de que foi primeiro bispo um dominicano, D. Frei Jorge de Santa Luzia, que, a partir de 1561 passou a enviar missionários da ordem dos pregadores para Solor: frei António da Cruz em 1562 fundou aí um convento protegido por uma “tranqueira”, paliçada de troncos de “grande cópia de palmeiras bravas que ali chamam sibalas” (Sousa, (1678) 1866: 342), que sofre o primeiro embate e cerco de “jaus” dois anos depois, desbaratado pela providencial chegada de um galeão português. A religião muçulmana tinha presença na ilha pois há notícia de que em 1559 havia lá uma mesquita<sup>27</sup>.

Manuel Godinho de Erédia (1615: s/ nº pag.) também nos relata um episódio bélico em Solor a propósito da passagem por lá de Luis Monteiro Coutinho em 1581 vindo de Malaca, que resultou na tomada da fortaleza - aí definida como Metrópole daquela cristandade -, que estava então ocupada por “mouros e arrenegados”, descrito em carta enviada por Frei Amador, para o Provincial da ordem dos pregadores de Portugal: “E o dito Luis Monteiro Coutinho segundo esta vitória, foi marchando com seu esquadrão pouco mais de uma légua, até o castelo de Lamaqueira que estava fortalecido, provido de artilharia, munições, e armas: com mais de dois mil e quinhentos mouros de peleja (...)”.

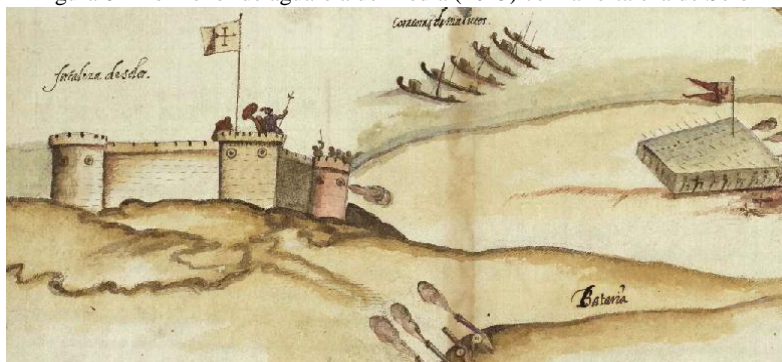
---

<sup>26</sup> Cf. Frei Luís de Sousa op. cit., p: 345, 352.

<sup>27</sup> Cf. Matos (1974: 33)

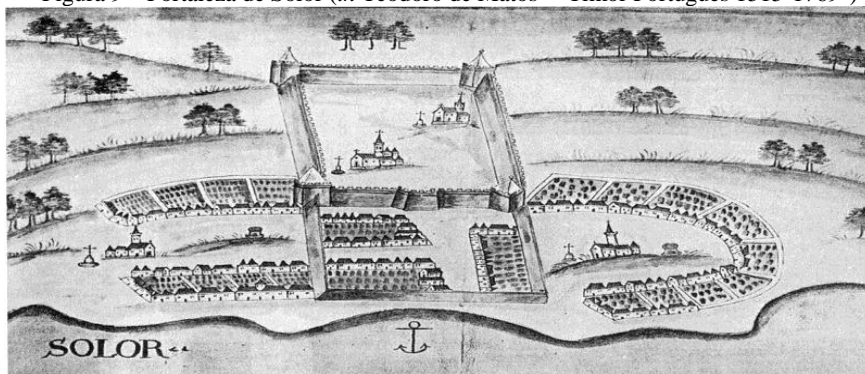


Figura 8 – Pormenor de aguarela de Erédia (1615) com a fortaleza de Solor



Os ataques dos holandeses, a partir de 1613, levaram à transferência dos frades dominicanos para Larantuca em 1637, levando consigo a artilharia da fortaleza (Matos, 1974: 111)), tornando-se esta povoação na ilha das Flores o principal centro da presença portuguesa até à sua mudança para Lifau, na ilha de Timor, no século XVII. Até 1585, o governador da fortaleza de Solor era escolhido localmente pelos religiosos dominicanos, depois passou a ser nomeado por carta régia ou pelo governador da Índia ou de Malaca, mas em qualquer caso a opção recaía num religioso dominicano.

Figura 9 – Fortaleza de Solor (in Teodoro de Matos - "Timor Português 1515-1769")<sup>28</sup>



Durante o século XVI e ainda em parte do seguinte, Laboina na ilha de Solor e Larantuca na das Flores, ambas no caminho das especiarias das Molucas e do sândalo de Timor, têm a primazia da presença portuguesa na região (Figueiredo, 2011: 33). Timor dispôs pela primeira vez de um capitão-mor em

<sup>28</sup> Pode-se ver uma descrição detalhada em Matos (1994: 44).

1646. Só em meados do século XVII os capitães-mores de Solor e Timor deixam Larantuca e passam a residir em Timor, sediando-se em Lifau como parece ser o caso de Francisco Carneiro de Sequeira, c. 1651.

## Coda

Conforme procurámos demonstrar neste artigo, Timor surge como um atrator das rotas navais lusitanas a partir da demanda das especiarias que sucede à conquista de Malaca, por efeito da grande abundância do sândalo nas montanhas da ilha e da sua qualidade, cuja fama era indelével e o valor comercial em Malabar no início do século XVI quadruplicava o da noz-moscada das ilhas Banda<sup>29</sup>. A citação da Primeira Década da Ásia de João de Barros com que iniciámos este escrito é exemplificativa. Nos relatos quinhentistas e seiscentistas, o sândalo surge como o índice de Timor e, reciprocamente, Timor como índice do sândalo, constituindo-se assim uma equivalência indexical, embora se soubesse da existência dessa espécie arbórea noutros lugares. No entanto, e conforme salientámos noutro texto, essa memória quase se perdeu nas referências bibliográficas contemporâneas anglófonas relativas à área de origem da espécie, sendo esta designada como “sândalo indiano” ou “sândalo indiano oriental” (e. g. Annapurma et al., 2004; Gamage et al., 2010; Kumar et al., 2012; Subasinghe et al., 2013)<sup>30</sup>.

“Atrator” é um termo próprio da teoria dos sistemas dinâmicos (e. g. Casquilho, 1994), referindo-se a uma generalização do conceito de ponto de equilíbrio assintoticamente estável que atrai as trajetórias numa vizinhança – sendo esse conceito de ordem matemática não pretendemos aplicá-lo aqui em sentido estrito, antes como metonímia geográfica. No entanto, o atrator Timor só se atualiza nas rotas náuticas dos portugueses dessa época em articulação com o abrigo proporcionado pelo canal e fortaleza(s) da ilha e arquipélago de Solor, aspeto que também ilustrámos.

A importância logística desta conexão fica evidenciada se nos recordarmos que nessa ilha a primeira fortaleza de pedra e cal foi a de Laboina iniciada em 1566<sup>31</sup>, enquanto a tranqueira de Lamaqueira data de 1562, e que a primeira fortaleza que os portugueses construíram na ilha de Timor foi em Cupão no ano

---

<sup>29</sup> De acordo com a menção de Barbosa, conforme referimos atrás.

<sup>30</sup> Cf. Casquilho (2014b).

<sup>31</sup> Cf. Frei Luís de Sousa, *op. cit.*, p: 344, onde se faz a descrição detalhada da fortaleza construída com supervisão de Frei António da Cruz., e se observa que a população local era na época de cerca de três mil pessoas, das quais duas mil de portugueses e outros estrangeiros.

de 1646, perdida para os holandeses em 1652, seguindo-se a de Lifau já no início do século XVIII<sup>32</sup>.

Ainda antes da queda de Malaca às mãos dos holandeses, em 1641, já um outro pólo importante se afirmava nas rotas do sândalo: Macau, de que em 1590 o bispo de Cochim dizia num parecer: “É tão estimado [o sândalo] na China que sendo seu ordinário preço de 20 patacas cada pico, em alguns anos que faltaram barcos de Timor, em a cidade de Macau se vendeu por 150 patacas cada pico”<sup>33</sup>. Mas esse será assunto que eventualmente será objeto doutro texto, bem como as vias para Goa.

Timor ocupa um lugar secundário nas crónicas dos narradores portugueses quinhentistas e seiscentistas sobre a Ásia, quando comparado com tantos outros sítios da Índia ou ilhas da região do sudeste asiático, por demais visitados e relatados, o que se pode ilustrar, por exemplo, de que no índice da obra monumental “Décadas da Ásia” de João de Barros só consta uma menção a Timor e outra a Solor, e na sua continuação, também monumental, de Diogo de Couto, no índice não se divisam as entradas “Timor” ou “Solor”.

Não obstante é a ilha de Timor, mais propriamente a parte oriental, que irá permanecer mais demoradamente no seio do império marítimo português e a única que abriga hoje um país de língua oficial portuguesa na região. Diz-nos Thomaz (2008b) que os timorenses, no contexto de um animismo tradicional, eram monoteístas, embora associando a esse único deus uma ideia vaga e imprecisa - *Maromak*, palavra tétum cuja etimologia radica em “brilho, brilhante”, exatamente como a raiz indo-europeia da palavra *Deus*. Poderá essa afinidade ter sido fecunda, e por certo que no mínimo o facto de as populações da ilha não estarem islamizadas terá sido razão de monta para uma abordagem predominantemente pacífica e eventualmente simbiótica. Ainda Thomaz (2008b) nos conta que um *liurai* terá replicado uma vez a um governador que ousara falar-lhe em tom mais desabrido: “lembre-se Vossa Senhoria que esta terra não foi conquistada pelo fogo, mas pela água e pelo sal...” Não será a única história, havendo outras de sentidos diversos, mas ainda assim será um enunciado a reter.

Enfim, parece relevante pesquisar mais aturadamente diferentes injunções fetichistas e outras que possam existir nas tradições orais das culturas timorenses a propósito do sândalo, constituindo património imaterial cujo valor não será demais realçar como esteio histórico e simbólico.

---

<sup>32</sup> Por iniciativa de António Coelho Guerreiro, primeiro governador de Timor, empossado em 20 de Fevereiro de 1702 na capela de Santo António de Lifau.

<sup>33</sup> Cf. Ruy Cinatti, *op. cit.*

Figura 10 – A ilha Timor em excerto de mapa do Atlas de Fernão Vaz Dourado, c. 1576



## Referências

- Annapurma, D.; Rathore, T. S.; Joshi, G. 2004. Effect of container type and size on the growth and quality of seedlings of Indian sandalwood (*Santalum album* L.). *Australian Forestry*, vol. 67, n. 2, pp. 82-87.
- Barbosa, Duarte. (1516) 1966. *Livro das cousas da Índia – em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente* (introdução e notas de Augusto Reis Machado). Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Barreto, Luís Filipe. 2000. *Ploughing the Sea – The Portuguese and Asia* (c. 1480- c. 1630). Lisboa: Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses.
- Barros, Joam (João) de. 1552. *Da Ásia – Década Primeira*. Lisboa: Germão Galharde.
- Barros, João de. (1553) 1777a. *Da Ásia – Década Segunda, Parte Segunda*. Lisboa: Regia Officina Typographica.
- Barros, João de. (1553) 1777b. *Da Ásia – Década Terceira, Parte Primeira*. Lisboa: Regia Officina Typographica.
- Belo, Dom Carlos Filipe X. 2011. *Os Antigos Reinos de Timor-Leste (Reys de Lorosay e Reys de Lorothona, Coronéis e Dados)*, Baucau,: Edição da Tipografia Diocesana.
- Bulhão Pato, Raymundo. A. 1884. *Cartas de Affonso de Albuquerque* Tomo I. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.
- Bulhão Pato, Raymundo A. 1903. *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Tomo 3. Lisboa: Real Academia das Ciências de Lisboa.

- Camões, Luís de. 1572. *Os Lusíadas*. Lisboa: Antonio Gõçalvez Impressor.
- Casquilho, José. 1994. Configuração de Fluxos. *Revista de Comunicação e Linguagens* (RCL), vol. 20, pp: 195-203.
- Casquilho, José. 2005. Os diamantes do Venturoso. *História*, vol. XXVI (III série), n. 75, pp: 44-47.
- Casquilho, José P. 2014a. Território, ecomosaico, ecocampo(s): tópicos de retórica da paisagem. *Revista Veritas*, vol. 2, nº 3, pp: 41-51.
- Casquilho, José P. 2014b. Análise crítica do Colóquio Quadragésimo Nono de Garcia de Orta intitulado “De tres maneiras de sandalo”. In *Atas da 1ª Conferência Internacional “A Produção do Conhecimento Científico em Timor-Leste”*, 13-15 de agosto de 2014, Díli (no prelo).
- Castanheda, Fernão Lopez. 1552. *Historia do Livro Segundo do Descobrimẽto e Conquista da India pelos Portugueses*. Coimbra: João de Barreyra e João Alvarez.
- Castanheda, Fernão Lopez de. (1552) 1833. *Terceiro Livro da História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Lisboa: Typographia Rollandiana.
- Castanheda, Fernão Lopez. 1554. *Ho Sexto Livro da Historia do do Descobrimẽto e Conquista da India pelos Portugueses*. Coimbra: João de Barreyra e João Alvarez.
- Couto, Diogo de. (1596?) 1778. *Da Asia - Decada Segunda, Parte Segunda*. Lisboa: Regia Officina Typografica.
- Durand, Frédéric. 2006. *Timor: 1250-2005. 750 ans de cartographie et de voyages*. Toulouse - Bangkok: Editions Arkuiris – IRASEC.
- Erédia, Manoel Godinho de. 1615. *Historia de serviços com martírio de Luis Monteiro Coutinho* (manuscrito com 4 aguarelas). Biblioteca Nacional de Portugal.
- Figueiredo, Fernando A. de. 2011. *Timor – A Presença Portuguesa (1769-1945)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.
- Galvão, António. (1563) 1731. *Tratado dos Descobrimentos Antigos e Modernos*. Lisboa: Officina Ferreiriana.
- Gamage, Y. M. M.; Subasinghe, S. M. C. U. P.; Hettiarachchi, D. S. 2010. Change of seed germination rate with storage time of *Santalum album* L. (Indian sandalwood) seeds. *Proceedings of the 15 th International Forestry and Environment Symposium 26-27 November*, pp. 279-281.
- Gomes, Ruy Cinatti V. M. 1950. *Esboço histórico do sândalo no Timor português*, Lisboa: Ministério das Colónias, Junta de Investigações Coloniais.
- Hägerdal, Hans. 2012. *Lords of the Land, Lords of the Sea – conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800*. Leiden: KITLV Press.

- Harisetijono; Suriamihardja, S. 1993. Sandalwood in Nusa Tenggara Timor. In McKinnel, F. H. (Ed.) *Sandalwood in the Pacific region*. Proceedings of a symposium held on 2 June 1991 at the XVII Pacific Sciences Congress, Honolulu, ACIAR Proceedings, n. 49, pp. 39 – 43.
- Kumar, A. N. A.; Joshi, G.; Ram, H. Y. M. 2012. Sandalwood: history, uses, presente status and the future. *Current Science*, vol. 193, n. 12, pp. 1408-1416.
- Matos, Artur Teodoro de. 1974. *Timor Português, 1515-1769. Contribuição para a sua história*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Instituto Histórico Infante D. Henrique, Série Ultramarina.
- Matos, Artur Teodoro de. 2006. Tradição e inovação na administração das ilhas de Solor e Timor: 1650-1750. In *Atas do colóquio internacional “O Humanismo Latino e as Culturas do Extremo Oriente”*, Macau, 6-8 Janeiro de 2005. Trevisso: Fondazione Cassamarca, Europrint, pp: 345-357.
- Mourão, José A. 2012. A inscrição semiótica. *Cadernos de Teoria das Artes*, Série Geral, vol. 1, pp: 129-147.
- Mourão, José A.; Casquilho, José P. 2012. O desenho e a interpretação dos signos: o Parque Biológico de Gaia. *Revista de Comunicação e Linguagens (RCL)*, vol. 43,44 (2011-2012), pp: 375-383.
- Olshin, Benjamin B. 1996. A sixteenth century Portuguese report concerning an early Javanese world map. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol. 2, n. 3, pp: 97-104.
- Orta, Garcia de. (1536) 1895. *Coloquios dos Simples e Drogas da Índia* (dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho), vol. II. Lisboa: Real Academia das Ciências de Lisboa.
- Paulino, Vicente. 2012a. *Representação Identitária em Timor-Leste – Culturas e os Media*. Tese de Doutoramento em Ciências da Cultura – Especialidade Comunicação e Cultura. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Paulino, Vicente. 2012b. Remembering the Portuguese Presence in Timor and its Contribution to the Making of Timor’s National and Cultural Identity, in *Portuguese and Luso-Asian Legacies in Southeast Asia 1511-2011*, vol. 2, (Ed: Laura Jarnagin). Singapore: Iseas Publishing, pp: 88-111.
- Peirce, Charles. S. (1940) 2012. *Philosophical Writings of Peirce* (Ed. J. Buchler). Mineola, N. Y.: Dover Publications Inc.
- Pinto, Fernam (Fernão) Mendez. 1614. *Peregrinação*. Lisboa: Pedro Crasbeeck.
- Pires, Tomé (1515) 2005. *Suma Oriental* vol. II (Ed. Armando Cortesão). New Delhi: Asian Educational Services.
- Sales Luís, Jaime. 2012. *A Cultura do Sândalo (Santalum album) em Timor-Leste*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Série Técnico-Científica nº 44.



- Santa Catarina, Fr. Lucas de. (1733) 1866. *História de S. Domingos – Quarta Parte*, Vol. VI, 3ª Ed. Lisboa: Typographia do Panorama.
- Schwartzberg, Joseph E. 1994. Southeast Asian Nautical Maps in (Harley, J. B e Woodward, D., Ed.) *The History of Cartography*, Vol. 2, Book 2. Chicago: Chicago University Press, pp: 828-838.
- Sebeok, Thomas A. 2001. *Signs – An Introduction to Semiotics*. (2nd Ed.). Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press.
- Sousa, Fr. Luís de. (1678) 1866. *História de S. Domingos – Terceira Parte*, Livro IV, 3ª Ed. Lisboa: Typographia do Panorama.
- Subasinghe, S. M. C. U. P.; Gamage, Y. M. M.; Hettiarachchi, D. S. 2013. Essential oil content and composition of Indian sandalwood (*Santalum album*) in Sri Lanka. *Journal of Forestry Research*, vol. 24, n.1, pp. 127-130.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. 1998. *De Ceuta a Timor* (2ª Ed.). Algés: Difel.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. 2008a. Uma perspectiva histórica. In *País dos Belos: Achegas para a compreensão de Timor-Leste*, Macau: Instituto Português do Oriente/Fundação Oriente, pp: 349-369.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. 2008b. Bosquejo de uma história religiosa de Timor. In *País dos Belos: Achegas para a compreensão de Timor-Leste*, Macau: Instituto Português do Oriente/Fundação Oriente, pp: 385-411.